

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JUNHO/99- ANO III - Nº 29

EDITORIAL

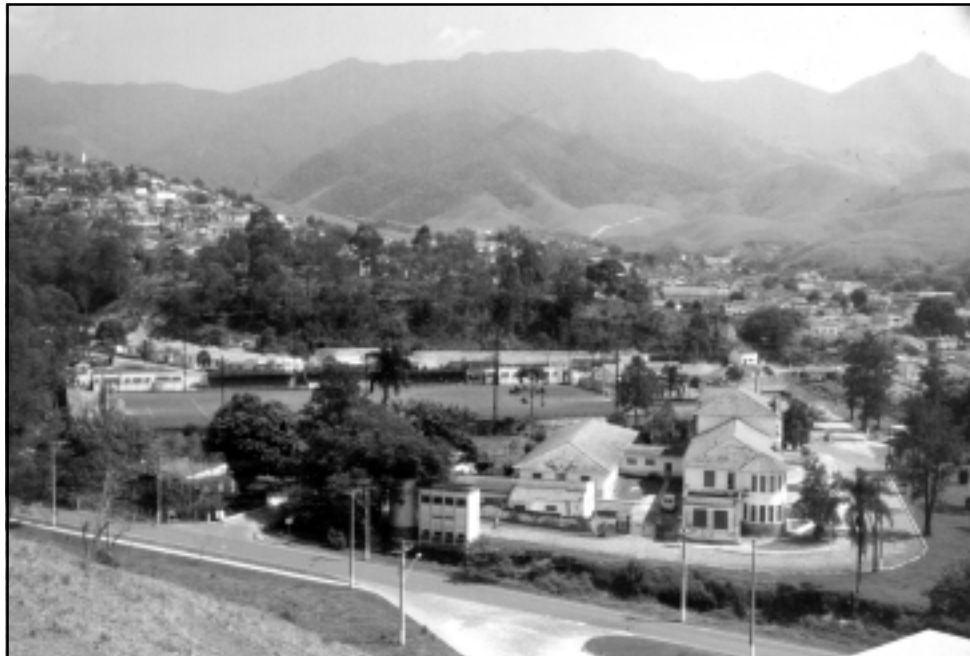
Comemoramos, no dia 15 de Junho, os 108 Anos de Emancipação Política Administrativa de Piquete. Esta data, histórica para nós, piquetenses, é o resultado da somatória do trabalho dos moradores do lugar que, liderados pelo chefe político local, Ten. José Mariano, se articularam politicamente, conquistando a emancipação do bairro rural de Lorena, elevando-o à categoria de Vila, com o nome de Vila Vieira de Piquete.

A partir daí, não foram poucas as dificuldades de nossos governantes para administrar o município, sempre carente de recursos, mas, por outro lado, o espírito comunitário sempre esteve presente na população ajudando a construir nossa cidade.

Durante décadas, a qualidade de vida em nossa cidade era garantida de forma mais efetiva. Algumas gerações puderam se beneficiar e ficar imunes às conseqüências de atos políticos impróprios.

No entanto, os tempos mudaram. A política, que era feita com dedicação integral dos cidadãos, com o passar do tempo perdeu a credibilidade e tornou-se sinônimo de empreguismo e aproveitamento. Hoje, as dificuldades sócio econômicas que se impõem à população, como o difícil e oneroso acesso à saúde e educação, a ameaça crescente de desemprego, a falta de opção de lazer saudável e de perspectivas de crescimento pessoal e intelectual para os jovens, fazem com que a população não mais acredite em promessas.

Para enfrentar as revoluções por que passa o mundo, é necessário união e esforço conjunto. Sabemos não ser tarefa fácil. No entanto, é preciso coragem e empenho de todos, em prol da cidade e de seu desenvolvimento. Nesta data cívica, em que se manifesta o espírito cívico, mais do que nunca precisamos fortalecer nossas instituições e a efetiva participação comunitária. A somatória de esforços, com a população sempre mais consciente e participante, e do político comprometido, é que projetará um futuro de desenvolvimento para Piquete e para o atendimento das necessidades de sua população.



Vista parcial de Piquete. Primeiro plano: Hospital da F.P.V. Ao fundo, o pico e a garganta do Meia-Lua.

O turismo rural pelos descaminhos do ouro.

É grande o potencial turístico de Piquete. A exemplo de outros lugares, nossa cidade está despertando para este tipo de atividade de trabalho, que, se bem administrado, irá gerar empregos para a população.

O caos urbano vivido nos grandes centros, neste final de século, faz com que seus habitantes busquem, cada vez mais, as pequenas cidades, estimulando uma nova modalidade de turismo: o Turismo Rural.

Sem perdermos de vista o homem rural e sua cultura, cresce a procura pelas roças e pela tranquilidade da vida no campo.

Em junho, ao comemorarmos o aniversário de nosso município, somos convidados a olhar retrospectivamente e rever nossa história, procurando conhecer e entender nossas origens e formação social.

Piquete localiza-se numa região de colonização das mais antigas do Brasil, o vale do Paraíba. A abertura do caminho de ligação entre o Vale e o Sul de Minas, bem como a instalação de um posto fiscal em nossa região concorreram para a fixação de seus primeiros habitantes. Para burlar o fisco, muitas trilhas foram abertas através da Mantiqueira – a do Meia-Lua, dos Marins, do Benfica, etc, que, mais tarde, passaram a ser percorridas por tropeiros intercambiando produtos entre Minas, o Vale e o litoral. Muitos pousos e ranchos foram construídos para descanso de homens e animais. Ao redor de uma trempe de fogão, nossa cultura foi sendo construída e oralmente transmitida.

Mais tarde, com a chegada do café, grandes propriedades foram plantadas, novas sedes de fazendas construídas, sedimentando-se nossa cultura e fortalecendo-se nossas raízes.

Somos herdeiros desse rico patrimônio paisagístico e arquitetônico, de uma culinária variada e de um artesanato diversificado, religiosidade, festas populares e, principalmente, de um jeito todo especial de ser. Tudo isso pronto para ser racionalmente explorado.

Às vésperas do aniversário dos “500 Anos do Descobrimento”, é preciso, mais do que nunca, resgatarmos nossa história e dela tirarmos proveito, aprendendo com nossos antepassados.

Percorrendo as antigas trilhas do ouro, das tropas e do café, respeitando e preservando o meio ambiente, poderemos gerar dividendos para nossa comunidade através do Turismo Rural – vocação natural de nosso município.

No entanto, toda essa riqueza não é suficiente para que o turismo ocorra. É preciso, em primeiro lugar, um trabalho integrado entre toda a comunidade piquetense e o Conselho Municipal de Turismo, planejando e ordenando este setor. É uma tarefa lenta e contínua, que não se esgota com uma palestra ou evento.

Constatamos que muito do nosso patrimônio é desconhecido dos próprios piquetenses, que precisam conhecê-lo e dele se orgulhar.

A população rural necessita receber maior atenção e incentivo, para que possa se integrar num projeto de turismo em que os pequenos proprietários, seus familiares e agregados, através de um trabalho prévio de sensibilização, se capacitem para receber visitantes no dia a dia de seus afazeres. Com isto, resgatam-se e divulgam-se nossas tradições e costumes, e cria-se uma alternativa de desenvolvimento para nosso município.

Imagem - Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Crianças da comunidade em frente à Capela do Senhor Bom Jesus, no Bairro da Tabuleta. Foto: Junho de 1986.

Capela do Senhor Bom Jesus

De formação religiosa, o povo piquetense é essencialmente cristão.

Da antiga Matriz de São Miguel, irradiou-se a fé católica para nossa periferia, construindo-se igrejas e capelas por diferentes áreas de nosso município.

Para os fiéis do bairro da Tabuleta se deslocarem até à matriz ou mesmo à capela de Santo Antônio, no Bambuzinho, em atos de ação de graças, não deixava de ser um grande sacrifício, dada a distância.

Uma vez por mês, ou em casos especiais, o vigário da paróquia deslocava-se até ao bairro e, na precária escolinha lá existente, celebrava missa.

Diante dessa situação, o vigário Pe. Alexandre Pereira da Silva, constatando possuir a paróquia um terreno no bairro para a construção de uma capela, em 1978 nomeou uma comissão para planejar a implantação da obra.

Como não havia dinheiro, o passo inicial dado pela comissão foi organizar leilões nos primeiros domingos de cada mês, na escolinha, visando a angariar fundos para o início das obras. Passaram, a seguir, para quermesses no local onde se ergueria a igreja.

Inicialmente, somente os moradores do bairro contribuíam com prendas para a quermesse. Tornaram-se as quermesses um ponto de atração e muitos munícipes “aqui de baixo” passaram a frequentá-las e a oferecer prendas.

A cada quantia arrecadada, adquiriam-se os materiais necessários para a construção. Tendo já material suficiente para o início das obras, foi lançada a pedra fundamental e, logo em seguida, abriram-se as valas para os alicerces. Daqui para frente, os trabalhos foram sendo levados com admirável participação da comunidade. A comissão designada pelo pároco acabou sendo engolida por outra: a da população local e de pessoas que residiam longe, na cidade e em outros bairros, irmanados todos num mesmo ideal.

Colaboração espontânea e ativa em todos os sentidos.

Citar nomes seria impossível. Especial distinção vai para os moradores do próprio bairro: além da mão-de-obra masculina, as donas de casa ofereciam aos trabalhadores café, bolinho de fubá etc.

Destaque fundamental vai para a prefeitura, na pessoa do prefeito da época, Prof. José Armando de Castro Ferreira, que canalizou um grande trecho para que a água necessária chegasse até ao local.

Ainda aplausos para os oficiais da 3ª Divisão da IMBEL, Srs. Cel. José de Mattos Filho e Maj. Donaldo Soares, que permitiram a montagem das portas e vitrôs, em suas oficinas.

A inauguração deu-se no início de 1979. Sem dúvida, uma vitória inaudita da comunidade e, em especial, dos moradores do bairro da Tabuleta.

Antigamente havia uma capela do Senhor Bom Jesus no bairro das Posses, desativada, cuja imagem encontra-se na atual do bairro da Tabuleta.

Orlando Guimarães.



Capela de São Bom Jesus, Bairro da Tabuleta

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Neto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. R. Ramos

Tiragem:

1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE**Geraldo Ferreira Pinto**

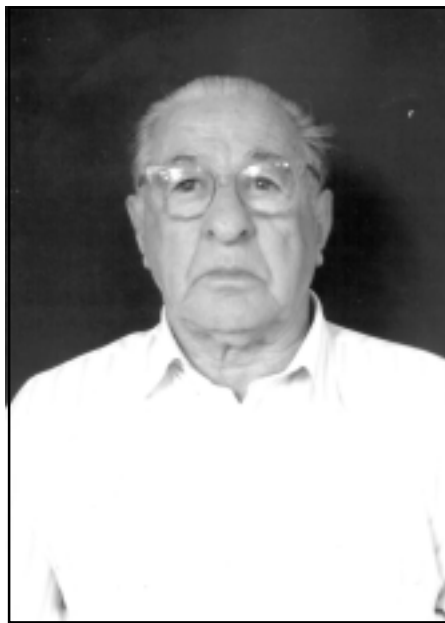
Geraldo Ferreira Pinto, filho de Gustavo Alves Ferreira e de Ana Severino Arantes, nasceu em São Gonçalo do Sapucaí, Minas Gerais, a 16 de março de 1911.

Chegou a Piquete em 18 de outubro de 1937, vindo a pé de Delfim Moreira, para trabalhar com o Sr. Geraldo Giffoni. Após algum tempo em nossa cidade, passou a trabalhar na F.P. V., onde ficou por três anos. Posteriormente, em 1941, comprou um estabelecimento comercial, o bar do Sr. Benedito Elias.

Em 1943, desposou a Sra. Judith Alves Pinto. Tiveram seis filhos: Ana Célia, Vera Lúcia, Abigail Léa, Sandra Maria, Elizabeth e Francisco Marcos.

Em agosto de 1949 iniciou sua vida no serviço público estadual. Na Secretaria de Saúde, exercia a função de servente no posto de assistência médica e sanitária. Permaneceu por mais de trinta anos ao lado dos companheiros de trabalho: Dr. José Amoroso e Paulo de Carvalho Rosas. As campanhas sanitárias desenvolvidas pelo Posto, com a presença desses senhores, ainda permanecem em nossas lembranças. Vacinação e, principalmente quando cursávamos o primário, a das verminoses, eram o terror das crianças. Todos eram obrigados a tomar o terrível “lombrigueiro”, uma cápsula transparente que continha um óleo de cheiro forte. “Seu” Geraldo, com paciência, explicava às crianças que não era injeção, portanto, não doía. Só não contava quais seriam os efeitos no dia seguinte.

Ainda nos recordamos de suas inspeções sanitárias pela cidade. De avental branco e bicicleta, percorria os quintais em busca de chiqueiros, águas paradas, curtumes, matadouros clandestinos ou algo que pudesse prejudicar a saúde da nossa população.



Seu espírito comunitário aguçado levou-o a ingressar na política, em 1955. Cumpriu três mandatos, como vereador. Em 1962, foi eleito Presidente da Câmara Municipal. Após uma pausa reeleger-se novamente, em 1972. Nessa legislação, foi vice-presidente da Câmara, no biênio 1975/1976.

Seu trabalho no Posto de Saúde terminou com sua aposentadoria, em 1981, na função de fiscal de saúde pública.

Pelos serviços prestados à comunidade piquetense, recebeu o título de Cidadão Honorário Piquetense, em 22 de abril de 1991.

“O ESTAFETA” presta, nesta edição, uma merecida homenagem ao Sr. Geraldo Ferreira Pinto, para que se registre seu exemplo de trabalho comunitário. Que as novas gerações possam se espelhar em suas ações, muito mais que profissionais, em prol do bem comum.

Da esquerda para a direita: Dr. José Amoroso e Srs. Paulo Rosas, Maurício Pesciotta e Geraldo Ferreira Pinto.



Foto arquivo Pro-Memória

Ana Valéria Araújo

Talvez em nossa cidade poucas pessoas tenham tido a oportunidade de ler o caderno especial da “Folha de São Paulo” que, num de seus últimos números, tratou dos líderes emergentes do próximo milênio, na América Latina. São personalidades jovens deste fim de século, que vêm se destacando de maneira excepcional em seus trabalhos.

Uma dessas personalidades é a Sra. Ana Valéria Araújo, filha do casal Cel. Alfredo e Anacyr Araújo, residente em nossa cidade, e colaborador da Fundação Christiano Rosa.

Ana Valéria Araújo é ativista dos direitos humanos, que luta juridicamente pela defesa dos direitos das tribos indígenas do Brasil. Atua em duas organizações não governamentais (ONGs): “Núcleo de Direitos Indígenas” e “Instituto Sócio-ambiental – ISA”.

Os trabalhos já desenvolvidos pelos grupos proporcionaram importantes resultados: terras de 10 tribos indígenas ocupadas por poderosos posseiros foram retomadas; em parceria com a “Rainforest Foundation”, ONG do astro pop Sting, impediram a inundação de aldeias, no Pará, em consequência de obras para geração de energia hidrelétrica. Atualmente, estão lutando pela demarcação e retomada de terras indígenas, em Roraima, com uma extensão de aproximadamente metade do território da Espanha, ocupadas por garimpeiros que estavam assassinando os nativos.

Sua corajosa luta pelos direitos humanos vem sendo reconhecida internacionalmente. Recentemente, a revista americana “TIME” publicou seu perfil, bem como o de outros “Líderes Emergentes da América Latina”.

A Fundação Christiano Rosa teve a honra de receber a visita de Ana Valéria Araújo e Sérgio Leitão, também especialista na área. Conheceram de perto os trabalhos da FCR e se prontificaram a colaborar com nossa instituição. Ficamos envidescidos e agradecemos a oportunidade ímpar de aprender com tão brilhantes e experientes profissionais.



Foto Pascal Rondeau (Revista TIME, maio de 99)

Pluralidade cultural em Piquete – 5

A Raia na memória dos moradores

D. Nair Porfírio Teixeira, 90 anos de idade, filha de Geraldo Porfírio e Rosária Maria de Jesus, lembra seu pai, também chamado Geraldino, como o primeiro morador do Bairro da Raia. Segundo ela, ele lhe dizia que o nome Raia era derivado de pista de corridas de cavalos que ali se desenrolavam, nos anos finais do século XIX. Havia criação desses animais nos pastos adjacentes.

“Seu” Geraldino, como era conhecido por toda Piquete, morreu em 1º de março de 1952, vítima de senilidade, conforme atestado de óbito assinado pelo médico Dr. José Amoroso. Contava, segundo o laudo, 104 anos de idade, com certeza presumíveis, pois não possuía documento de registro de nascimento, dado que os nomes dos pais eram ignorados. No período de escravidão, os negros eram apenas registrados nas fazendas de trabalho. Alguns senhores os levavam ao batismo, concedendo-lhes a alforria. Entretanto, fora roubado jovem duma fazenda de escravos, no Maranhão, e trazido para cá através dos processos comuns na época. Geralmente, escravos roubados no nordeste eram levados à praça do Rio de Janeiro e arrematados pelos fazendeiros à busca de mão-de-obra nas lavouras de café, no Vale do Paraíba.

Assim, o que se sabe é que “Seu” Geraldino, nascido em São Luís do Maranhão, instalou-se em Piquete, na fazenda do Braguinha⁽¹⁾. Esta é a referência que possui D. Nair.

Foi incumbido pelo proprietário de administrar o trabalho dos escravos, funcionando como feitor. Benquisto pela família que o empregava, não quis deixar a fazenda, na Abolição. Tornou-se agregado. Prestava também serviços no Hotel das Palmeiras, de propriedade do Coronel José Mariano Ribeiro da Silva, onde contava com a acolhida generosa da família, em particular da filha Maria Eufrázia. Era convocado especialmente para servir os pratos requintados e as bebidas nas festas que o Hotel promovia, em datas especiais. Apresentava-se muito bem vestido, com um terno escuro devidamente conservado para esse fim, camisa branca de colarinho e punhos engomados, gravata e sapatos lustrosos. Sabia servir os convidados e deles recebia elogios pelo bom trato, a finura dos gestos e a pronúncia das palavras do acento maranhense do português clássico.

Talvez misturasse alguns vocábulos africanos.

A esta altura, mudanças estruturais haviam ocorrido na fazenda que o empregava, e ele, construindo sua pequena casa de barro batido, na Raia, ainda tomada por densas matas, tornou-se operário da Fábrica de Pólvora, hoje Presidente Vargas. Ali trabalhou em vários serviços, tendo depois se fixado nas atividades da Represa, junto com o “Seu” Ivo Mineiro.

Foi, portanto, o primeiro morador da Raia e, nesse caso, fundador do bairro.

Ao lembrar-se dessa época, D. Nair, a caçula dos filhos, enfatiza que o pai trabalhou na Fábrica, por muito tempo, desde a construção e instalação das oficinas, desde mesmo a colocação da pedra fundamental do estabelecimento.

Geraldo Porfírio casou-se com Dona Rosária Maria de Jesus e o casal atingiu 50 anos de matrimônio, celebrados com festas.

D. Nair exibe, orgulhosamente, a fotografia familiar comemorativa do evento, feita por Duílio Damico, exímio fotógrafo da época (1ª metade do século XX). O casal teve seis filhas: Eulália, Carlinda, Ricardina, Maria, Leonildes e Nair. Sua família foi aumentada com os sobrinhos Celina e Luiz de Barros, filhos de Eulália, que passaram a viver com os avós.

D. Nair, a mais nova das irmãs, lembra-se dos cuidados de “Seu” Geraldino no encaminhamento dos filhos e netos e da preocupação em fazer do neto Luiz bom músico e profissional trabalhador, fato que foi plenamente consumado. As moças receberam a boa educação do lar e dos labores domésticos, tornando-se exemplos de formação familiar. Moças prendas e bem educadas.

Nas lembranças dos familiares, “Seu” Geraldino era o organizador das festas do Treze de Maio que, em Piquete, na Raia, se comemoravam durante três dias.

De sua pequena casa, depois modernizada e confortável, que deu origem à própria Rua Treze de Maio, e onde até hoje se conserva, no número 62, criou o principal esteio do Bairro da Raia e comando da festa maior de seus moradores. Para essa festa preparavam-se muitos assados de leitões, aves e iguarias apreciadas, além dos doces de compotas ou secos, distribuídos à farta e gratuitamente, aos participantes. A pequena Piquete participava ativamente. A elite branca não deixava de comparecer e tinha até reservados lugares especiais e tratamentos condignos e cerimoniais. Era a reprodução social das estruturas da época. Assim, a tradicional cordialidade se mostrava, resguardando as formas estamentais que alicerçavam a sociedade.

Os bailes ocorriam nas três noites. Inicialmente, os instrumentos musicais eram a sanfona, os violões e os pandeiros. As fogueiras reuniam, ao lado, as danças do jongo. Os mais famosos eram convocados, particularmente uma família do Itabaquara, cujas pessoas possuíam roupas próprias para a apresentação, os cantos e os movimentos necessários.

Assim, nas noites frias, crivadas de

estrelas, em Maio, a festa era uma celebração inesquecível. Os morteiros estouravam junto ao chão. Em casa mais ampla, cujas paredes divisórias foram derrubadas para dar lugar a um salão, as danças do baile se realizavam plenas.

As mulheres exibiam vestidos novos, especialmente preparados para esse fim. Cada noite, um baile e um vestido novo. Disputavam-se nas modas e modos. Cada uma fazia mistério de seu modelo, para somente exibi-lo na festa plena.

Com o tempo, alguns mudaram-se do bairro e da cidade, mas retornavam para a festa. Chegavam no trem da tarde, trazendo nas malas as belas roupas, despertando os interesses e as curiosidades. Ah belas! Quantas vaidades e empenhos!

Os jantares, a distribuição dos doces, os bailes, tudo aguardado com ansiedade. Tudo bem preparado. O serviço perfeito. As pessoas satisfeitas.

Outras festas importantes eram as juninas, do trio São João, Santo Antônio e São Pedro. Mas a grande festa, a do Treze de Maio, era a principal marca da Raia. A morte dos organizadores enfraqueceu esse encontro feliz.

Depois que os bailes passaram a se realizar no salão alugado do velho cinema e a Banda de Música tocava, o sabor foi se diluindo.

“Seu” Geraldino atingiu 104 anos de idade e o seu atestado de óbito registra um homem que, sem portar documentos de reservista e de eleitor, por não ser alfabetizado, possuía a sabedoria maior das pessoas que fazem de sua vida um relicário perfumado das essências imorredouras. Uma referência obrigatória de opção, que, livre, permaneceu neste local, e a ele deu o melhor: a formação de uma família exemplar.

A Raia urbanizada tornou-se centro da cidade, mas sua história e a de seus moradores não deve ser esquecida.

Dóli de Castro Ferreira

Notas: (1)-Trata-se do fazendeiro Francisco de Assis de Oliveira Braga, da Fazenda São José, cujo loteamento deu origem à vila de São José.

Antigos moradores da Raia. À esquerda o Sr. Luiz de Barros.



Foto arquivo Pro-Memória



“Poncan Theatre”, Ponca City, EUA

Foto arquivo Pro-Memória

Jo Ann: uma lição de cidadania

Recentemente, tivemos a oportunidade de retribuir a visita de amigos americanos que estiveram em Piquete e se encantaram com nossas belezas naturais. Causou-nos surpresa que o nome de nossa cidade estivesse tão comentado nas terras do “Tio Sam”.

Foi muito gratificante, mais ainda quando fomos apresentados a uma senhora, residente em Ponca City, Oklahoma, da qual jamais esquecerei o nome: Jo Ann. Após as apresentações e um breve almoço, ela nos levou para conhecer a cidade. Início de primavera. Tudo muito bem cuidado. Jardins lindíssimos explodindo em flores. Nas casas, nos edifícios públicos, nas ruas, nas estradas e campos, papoulas de diferentes matizes, “blue eyes” e tantas outras flores que não se consegue guarda o nome. Agora entendemos a importância da primavera para os norte-americanos. A natureza, a cada ano, apresenta-lhes um novo e espetacular show. Embora a paisagem nos causasse admiração a cada instante, a surpresa maior foi a visita ao “Poncan Theatre”. O edifício foi recentemente restaurado e está em atividade.

Voltando à Sra. Jo Ann. Atriz, escritora, pessoa simples e de grande sensibilidade. Uma guerreira incansável. À medida em que falava do teatro, seus aspectos construtivos e históricos, do trabalho de restauração, pude observar a força dessa mulher. Seus olhos cobriam-se de um brilho radiante à medida que observávamos os detalhes do teto, lustres, piso, coxia, balcão, escadas, poltronas. Tudo tinha um significado especial e uma história que vivificava cada objeto.

Muita emoção aflorava daquela mulher. Sem me conter, cometi um ato de indiscrição e perguntei-lhe como tudo havia sido feito.

Apontando para a calçada do teatro, respondeu-me que a comunidade de Ponca City proveu os recursos necessários. As famílias que colaboraram têm seus nomes gravados na calçada, como uma prova de amor à terra natal. O trabalho foi executado por um grupo de pessoas que não queriam ver o teatro morrer. Mais tarde, descobri que ela havia coordenado a façanha.

Neste momento, voltei o pensamento para minha Piquete e, especialmente, para a Estação “Rodrigues Alves”, que agoniza indigente. A história poderia se repetir aqui, assim como o “Poncan Theatre”, que foi salvo pelos próprios “Okies” (carinhosa maneira de se tratar uma pessoa de Oklahoma. Equivale ao nosso “caipira”).

Hoje, o “Poncan Theatre”, ponto turístico da cidade e palco de belas apresentações, é o orgulho dos “Okies”.

O feito não parou por aí. Levou-nos, também, a uma mansão do início do século. Uma espécie de castelo europeu, originariamente residência de um antigo magnata do petróleo, também restaurado pela comunidade. Propriedade majestosa, com jardins e florestas. O mobiliário veio de diferentes partes dos EUA, doado por filhos de Ponca City. Algumas peças valiosas estavam em antiquários e foram devolvidas, em doação, para que pudessem compor adequadamente os ambientes. Ao ouvir as histórias de Jo Ann, reafirmei minha certeza de que, um dia, nosso sonho de restaurar a Estação “Rodrigues Alves” será transformado em realidade e também motivo de orgulho dos piquetenses. Obrigada, Jo Ann, por sua lição de cidadania e injeção de ânimo. **AG**

Alameda para Deus

Ele nasceu e cresceu lá para as bandas de Delfim Moreira. De educação, adotou a humildade como amiga íntima. Gostava de ouvir piadas e de contá-las aos filhos, noras, genros e netos. Católico fervoroso, andava “miúdo” quando ajudava na Sacristia, sinal da idade que chegava. Sentava-me com ele na varanda, onde ouvia histórias e estórias. O tempo corroeu-lhe os ouvidos e a audição fazia-o cochilar ao murmurinho de tantas vozes que o visitavam. Dormia gostoso na cadeira da varanda, tranquilamente.

Pedíamos a bênção não como um mero ato mecânico. A dele valia mais que a de outros: transmitia paz. Muitos pediam suas orações; ele abria o livrinho e rezava um Pai Nosso ou uma Ave Maria; não usava palavras difíceis, pois sabia que a cura está em quem ouve e não nas palavras de quem fala. Nas atribulações e desencantos – ouvir, calar e amar. Trazia um bigodinho a emoldurar os lábios, mineirice que ainda se vê nas pequenas cidades. Gostava de fazer doces em tacho de cobre, que oferecia a todos, em grandes pedaços. Fazia, também, roscas em fogão a lenha e trazia com um café forte para provarmos.

Contou-me, por diversas vezes, histórias da Revolução de 32 e de quando levava almoço aos soldados, nas trincheiras do Pico do Cabrito. Para mim, ouvir aquele carpinteiro de mãos fortes, torniquetes, era um prazer. Um “traguinho de pinga” lhe abria o apetite para comer o tutu que minha mãe fazia e que ele adorava. Apavorava-se com sapos e cobras e, contar as peripécias dos encontros com esses “monstros” o divertia.

Era um homem comum, ouvia a todos, até mesmo ao mudinho que insistia em gesticular, mostrando a aliança no dedo. Mesmo velho, despertava antigas paixões, as quais tratava com distância e respeito. Amava a esposa, que o câncer lhe tomou. Esperava revê-la. Dizem que os anjos-pedreiros constroem no céu uma casa-morada-eterna com o material que daqui enviamos em vida. Certamente, lá ele tem uma mansão e irei um dia visitá-lo, para comer rosca e tomar café e, se for liberada no céu, e certamente o é, uma pinguinha e um dedinho de prosa.

Em homenagem a ele batizaram aquela rua que leva à Matriz de São Miguel com seu nome: Alameda João Ramos. Humilde como ele, por lá não se passa com carros. As flores que lá florescem são marias-sem-vergonha, belas e singelas, vermelhas, violetas e brancas. As árvores ali cresceram e sombrearam o calçamento. São exuberantes e brotam por toda parte. Certamente, ele está feliz no céu. Assim como ele próprio, a rua com seu nome conduz as pessoas a Deus.

Luiz Flávio Rodrigues

**Preserve o meio ambiente.
Seja responsável!
Não jogue e não deixe jogar lixo no rio.**

COLUNA DO CHICO MÁXIMO

Assim se escreve a História

João Vieira Soares

No início da minha juventude, à época do cinema mudo, assisti a um filme em que, através de cenas bem marcantes e textos objetivos, era evocada e reconstituída toda a epopéia de um povo, em diferentes períodos de sua história. Na literatura clássica, sobretudo na Mitologia grega, é conhecido o “Período Homérico”, que durou cerca de duzentos anos e é atribuído à pena de Homero, mas na verdade, sabe-se de autoria de vários escritores. Ali é exposta uma fantástica e gloriosa fase da Grécia clássica.

O maior exemplo de uma obra literária produzida por muitos escritores nós encontramos no Livro dos livros: a Bíblia. Está provado que o verdadeiro autor do Livro Sagrado é o próprio Deus, o qual “inspirou” alguma pessoas a escreverem sob iluminação divina.

Patriarcas, profetas e reis escreveram os livros do Antigo Testamento, o qual fala, especialmente, da criação do mundo e dos seres que o povoam, sobretudo do povo de Israel na sua odisséia para conquistar a Terra Prometida e do anúncio da vinda do Messias, que nasceria para redimir a humanidade pecadora.

Já os livros do Novo Testamento, correspondentes ao Cristianismo, seus autores são os evangelistas e alguns apóstolos, cada qual neles imprimindo o seu estilo e descrevendo a vida e os ensinamentos de Jesus, seus milagres e suas preocupações em defesa dos pobres e oprimidos de todos os tempos, culminando com a instituição dos Sacramentos e da Igreja na sua gloriosa trajetória até nossos dias.

Guardadas as devidas proporções, a história da nossa terra e da vida do nosso povo também aos poucos vem aflorando através de pesquisas sérias devidamente comprovadas com datas e testemunhos merecedores de crédito, e ainda por meio de pequenos retalhos literários expostos nas produções já editadas em Obras de alguns autores piquetenses.

“Reminiscências Piquetenses” é o título do livro publicado pelo prof. Paulo Pereira dos Reis, em que o autor destaca a Vila Militar da Estrela do Norte, edificada em 1906, como o primeiro núcleo populacional urbanizado em nossa terra. Em 1991, o prof. José Palmyro Masiero (Yeyé) nos brindou com sua brilhante obra “Piquete dos Meus Amores”. Carlos Vieira Soares deu sua colaboração com o Livreto “Folclore de Piquete (Pequena Contribuição)”. E também este cronista, em 1995, forneceu algum subsídio para a nossa história, com sua obra “Minha Terra... Minha Gente... Minha Vida... Memórias”.

Em 1996, mais uma publicação surge com a mesma finalidade: “Coisas Findas (Imagens - Memória de Piquete)”, obra organizada pelo Dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves e pela Professora Célia Aparecida da Rosa e colaboração dos professores Palmyro

Masiero e Celeste Aída A. da Rosa. Trata-se de uma Obra original pela sua elaboração “sui-generis”, em que prevalecem as fotos gravadas em imagens, com explicações objetivas, tudo compreendido no período de 1900 a 1950, e bem entremeadas por pequenas mas sugestivas composições poéticas de autores piquetenses. E o livro-álbum conclui com uma bem organizada cronologia dos principais acontecimentos em nossa terra, a partir do ano de 1741.

E tem mais. Com pesquisas no “Arquivo Memória de Piquete”, vários opúsculos vêm sendo editados, periodicamente, por um grupo de piquetenses empenhados na busca, restauração e preservação da memória de nossa terra: “A Origem da Cidade de Piquete”, no século XIX (Dóli de Castro Ferreira); “Registro de Uma Provisão Constando a Ereção D’uma Capela no Bairro do Piquete”, 1764, “Visita Presidencial – Inauguração da Fábrica de Pólvoras Sem Fumaça”, 1909, “Origem do Bairro Operário de São José e a Ereção de Sua Capela”, 1906, “Nova Matriz de São Miguel Arcanjo”, 1970, (Antônio Carlos M. Chaves) “Início da Instrução em Piquete”, 1871, “Momentos Difíceis”, 1891, e “Fundação do Esporte Clube Estrela”, 1914, (Palmyro Masiero) “Apontamentos para o Estudo da Vila Militar “Estrela do Norte” no Município de Piquete”, 1905, (Paulo Pereira dos Reis) “Quaresma e Semana Santa na Piquete de Ontem”, (Carlos Vieira Soares).

A Estação “Rodrigues Alves”, do extinto ramal férreo Lorena-Benfica, mereceu um caderno ilustrativo publicado na celebração dos seus noventa anos (1906), acompanhado de textos de Ana Maria de Gouvêa, Antônio Carlos M. Chaves, Célia aparecida da Rosa e José Palmyro Masiero, com a colaboração de Dóli de Castro Ferreira e Francisco Máximo Ferreira Neto, tudo baseado no Acervo Fotográfico de Antônio Carlos M. Chaves, Carlos Vieira Soares e José Palmyro Masiero.

E mais recentemente (1997), começou a circular o periódico “O ESTAFETA”, órgão da recém-criada Fundação Christiano Rosa, com o objetivo de restaurar e preservar a memória de Piquete, trazendo colaborações de Abygail Léa da Silva, Ana Maria de Gouvêa, Antônio Carlos Monteiro Chaves, Chico Máximo, Carlos Vieira Soares, Celso Colombo, Dóli de Castro Ferreira, Nelo Pelegrine, Leonel de Souza, Wanderley Sardinha e outros, inclusive este cronista.

Deste modo, de gota em gota, com a participação não apenas de um, mas de vários autores (como no “Período Homérico”), vão sendo ressuscitadas e reconstituídas outras facetas dos acontecimentos históricos de nossa terra, desde o primeiro núcleo populacional, em 1764, junto à abertura do Caminho para a província de Minas Gerais. Tudo isso como importantes subsídios para uma futura publicação, em único volume, da verdadeira e completa história de Piquete.

“E assim se escreve a História...”

Crônicas Pitorescas

Meus saís!

Palmyro Masiero

O primeiro prefeito sufragado em eleições diretas em Piquete foi o Sr. Luiz Vieira Soares, em 1948. Ele também foi o pioneiro nas comemorações do dia mais significativo para nossa história, o 15 de Junho.

Nossa cidade somente veio aprender a apagar velinhas de aniversário quando já completava 58 anos de idade, ou seja, meio século atrás. Talvez emocionado pelo fato, o 15 de junho de 1949 amanheceu choroso. Embora com uma programação singela, as comemorações foram expressivas; ainda mais que não era, ainda, feriado municipal. Apesar do mau tempo, a missa em ação de graças, na antiga matriz, foi muito bonita e repleta de fiéis.

A segunda parte somente aconteceu às 19h, na antiga prefeitura: a sessão solene. Inauguraram os retratos do Presidente Dutra e do Conselheiro Rodrigues Alves, e discursaram os Srs. Paulo Lódi, José Geraldo Alves e o prefeito municipal, Luiz Vieira.

A última parte das comemorações foi processada no Cine Estrela do Norte. Noitada de gala! O Sr. Prefeito abriu-a, saudando os munícipes. Vários alunos e alunas de nossos estabelecimentos de ensino: declamaram belas poesias. Em seguida, discursaram, como representante do ginásio, a aluna Maria Aparecida Teixeira, representando o D.E. da F.P.V., o Prof. Nelson Lacerda e ultimou essa fase o Prof. Miguel Kruse Médice, que discorreu sobre a história do município. Sob a apresentação do Prof. José de Souza Leite, os artistas do “cast” da Emissora de Piquete interpretaram diversos números musicais. A banda dos ex-alunos, sob a batuta de Benedito Lemes de Souza, executou dois dobrados de autoria do Sr. Carlos Vieira Soares.

A parte culminante, a apoteose da noite, ficou para o programa “Recordar é Viver”, a coqueluche da emissora de Piquete, dirigido por Nino Radamés, que seria apresentado ao vivo pelo “Conjunto Maringá”. Compunham esse grupo os músicos Antônio Viana, Joaquim Augusto, Ataíde Antero da Silva, Joaquim Alvarenga, maestro Prestes Camargo, Henrique Mazziero e o cantor Elói Bastos. Entre outras, tocaram peças de autoria de Henrique Mazziero e Luiz Vieira Soares.

Foi comovente o final do 58º aniversário de nossa emancipação político-administrativa. A partir daí, a cada ano as comemorações tornaram-se cada vez mais suntuosas e o dia passou a ser feriado por lei municipal.

Era tradicional reunirem-se no bar do “Zé do Bar” (antigamente era na padaria do Benedito Elias) diversos políticos e outros elementos expressivos de nossa sociedade para “focarem” sobre as andanças políticas do município, do Estado e do Brasil (uma espécie de comitê de salvação nacional). No dia seguinte aos festejos desse 58º aniversário, reunidos como sempre, a certo momento, o “velho de Braga”, sempre atento e honesto em seus apartes, não perdoou:

– Imaginem!... ontem, assim que acabou a festa no cinema, eu voltava para casa com meu filho e um vereador, quando este me perguntou o que era emancipação política! Coitado do Luiz!

Não disse o nome, mas o vereador estava presente. E não abriu a boca.



Foto arquivo Pro-Memória

Estação “Estrella do Norte” reinagurada no dia 11-06-1999.

Estação “Estrella do Norte” e fonte luminosa

No dia 11-05-99, às 18h30min, em festiva solenidade, com a presença de autoridades civis e militares, após cuidadoso trabalho de restauração, a IMBEL reinaugurou a Estação Ferroviária “Estrella do Norte” e a Fonte Luminosa.

O coral Santa Cecília, sob a regência do Sr. Luiz Vieira Soares, e a banda do 5º BIL abrilhantaram a festividade.

No momento em que o Gen. Paiva Chaves, Presidente da IMBEL, descerrou a placa alusiva ao evento, a fonte luminosa foi ligada e a comoção foi geral. Muitas pessoas encheram os olhos de lágrimas, pois na infância e juventude haviam desfrutado das alegrias daqueles locais. Rememoraram os passeios no trenzinho e os encantos da fonte.

No entorno dos logradouros, o jardim, com seu chafariz também refeito, completou o conjunto da bela paisagem.

Na placa, um tributo à memória dos operários artífices da F. P.V.

Em seu discurso, o Gen. Paiva Chaves informou que agora irá também providenciar a restauração do prédio que abrigou a antiga

Usina Hidrelétrica, para transformá-lo em Museu da Fábrica. Disponibilizou, para a comunidade piquetense, o espaço da estação restaurada para exposições temporárias de artes.

A Fundação Christiano Rosa agradece a IMBEL e a F.P.V. pela iniciativa de preservação dos logradouros, bens culturais integrantes da memória de Piquete. Agradece, também, o empenho pessoal do Cel. Alfredo Araújo e de sua esposa Anacyr, na realização desta tarefa. Com certeza, a atitude de respeito à natureza e ao bem público encontrará seguidores.

Como parte da programação, foram inaugurados o “I Salão de Artes CRE/IMBEL” e a exposição fotográfica “Ramal Férreo Lorena– Benfica”, realizada pela FCR.

O Salão contou com a presença de artistas de Piquete, de cidades vizinhas e do Rio de Janeiro. Houve premiação para as diversas categorias. O destaque foi para o artista plástico piquetense Francisco Ribeiro (Kiko), com três prêmios, entre eles o de melhor trabalho.

108º aniversário de Piquete

As comemorações dos 108 anos de Emancipação Político-Administrativa de Piquete foram marcadas com eventos significativos. Os festejos constaram de culto de ação de graças, na Igreja Evangélica Cristã; Sessão Solene da Câmara Municipal, quando foram outorgados títulos de “Cidadão Honorário Piquetense” aos Srs. Didi Ferreira, Sub-tenente Bittencourt, a Profª Dulce Maia, Profª Maria Cipolli e Sra. Belzinha. Receberam “Placas de Prata”, o Engº. Valdo Prado Nunes, o Carlos Roque e a Sra. Margarida Piva. O “Diploma de Mérito Municipalista” foi concedido ao Bel. Godofredo Bittencourt Filho. O orador oficial foi o Prof. João Vieira Soares, que fez um ato de confissão de seu amor por Piquete.

Incluíram-se, no programa, inauguração e reinauguração de logradouros públicos, campeonatos esportivos, desfile cívico, shows artísticos e exposição de fotografia e artes plásticas.

Do ponto de vista urbanístico e

embelezamento da Cidade Paisagem, merecem destaque as obras executadas pelo Prefeito Alaor Ferreira que presenteou o povo com a inauguração da caixa d’água, no Alto da Boa Vista. Ainda, a reurbanização da Praça Monte Castelo e a urbanização da avenida que margeia o rio Benfica, transformando o espaço num “boulevard”. Com certeza, após a arborização, se transformará num belo cartão postal da cidade. De fundamental importância a reabertura do Museu Municipal.

Outro presente significativo para nossa memória cultural e histórica foi a restauração da “Estação Estrella do Norte” e da fonte luminosa, pela IMBEL.

Como nos velhos tempos do “Estrela”, o campo de futebol estava lotado, na disputa pela “Taça Luiz de Barros”.

Desta forma, nossa cidade comemorou condignamente seu 108º aniversário.

A Fundação Christiano Rosa parabenz todos aqueles que contribuíram para o sucesso das comemorações.

O Muriqui

A FCR continua desenvolvendo seu projeto de criar um corredor ecológico entre as Matas da IMBEL e a Floresta Nacional de Passa Quatro. O apoio das Universidade de Taubaté, de Maryland (EUA) e do INPE, está sendo de grande valia para levantamento e coleta de dados. Estamos confiantes nos resultados.

Esse projeto está, neste momento, preocupado em encontrar um “carro chefe” para direcionar sua viabilização. Esse “carro chefe” seria o macaco “MURIQUI” (Brachyteles arachnoides), também conhecido como “MONO-CARVOEIRO”. Ele é o maior primata das Américas e o mais evoluído mamífero do Brasil. Em 1989, a sua população foi estimada em 500 indivíduos, distribuídos nos fragmentos e reservas da Mata Atlântica dos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Seu nome está entre as trinta e cinco espécies de primatas mais ameaçadas de extinção, no mundo.

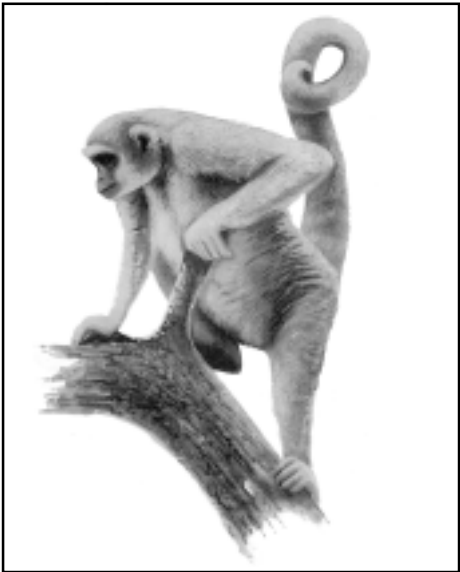
Campanhas tornaram o Muriqui um animal muito importante para o patrimônio brasileiro e alavancaram a importância da preservação da Mata Atlântica no Brasil. Estendendo-se por uma área de 29 milhões de hectares, em 14 estados, foi declarada, entre 1991 e 1992, a “Reserva da Biosfera da Mata Atlântica” da qual o Muriqui é o símbolo.

Piquete, que possui, dentro do seu território, um dos trechos mais preservados, em nível nacional, da Mata Atlântica, é o viveiro de uma diversidade imensa de árvores e espécies animais, entre as quais pode estar o tão famoso “MURIQUI”. Acreditamos existir, dentro da reserva da IMBEL, componentes de sua dieta alimentar. Os depoimentos de mateiros e de moradores indicam a sua presença.

A equipe que compõe o projeto está se empenhando em encontrá-lo, fazendo incursões às matas e mantendo vigílias.

Brevemente, estaremos distribuindo folhetos com as características do Muriqui, para que as pessoas, durante passeios ecológicos e caminhadas, que avistem macacos, possam identificar o Muriqui. Essa colaboração vai ser muito importante para o projeto e para o município. **Janice Wiles**

“Brachyteles arachnoides”



Notas da Cidade



Foto Nussa - TEKNO

Sr. Luiz Flávio Rodrigues, Presidente da Comissão de Meio Ambiente da FCR.

A Fundação Christiano Rosa participou, através do seu Presidente da Comissão Técnica de Meio Ambiente, Sr. Luiz Flávio Rodrigues, da IV Semana do Meio Ambiente, realizada na TEKNO S.A., em Guaratinguetá. Nosso representante apresentou uma palestra com o tema "Ciclo da Água", que foi assistida por vários funcionários, entre eles o Diretor Industrial, Sr. Edson Rubens Salla.

Foi realizado em Piquete, dia 4 de maio, uma etapa do Projeto Mapa Cultural Paulista 99. O evento é voltado para a identificação e difusão da produção cultural do Estado. Os artistas piquetenses apresentaram trabalhos nas modalidades de artes plásticas e fotografias. Os selecionados para a etapa regional de Campos do Jordão foram: Artes plásticas - Lúcio Carlos Meirelles Ramos, Taninha e Enio Ledoar Nunes. Fotografia - Alzira Beckmann, Adenauer Porto de Miranda.

A Fundação Christiano Rosa está sendo homenageada pelo Instituto de Estudos Valeparaibanos (I.E.V).

A "distinção Cultural Paulo Camilher Florençano" foi dada a esta instituição em reconhecimento à sua valiosa contribuição para a cultura do vale do Paraíba.

No dia 26 de Junho, na Fazenda Boa Vista, em Roseira, será entregue a placa que representa essa homenagem. Os colaboradores da FCR sentem-se muito honrados com o prêmio, sinal de que o resultado do trabalho contínuo, altruístico e de valor de um pequeno grupo mas, coeso e persistente, está sendo reconhecido.

Está sendo lançado um CD com hinos cívicos da cidade. Iniciativa do Departamento Cultural da Prefeitura Municipal, traz os Hinos da Cidade, do Centenário e à Fábrica. A direção é do Prof. Gilberto Augusto da Silva e a produção de Pedro Rodrigues.



Foto arquivo Pro-Memória

Por solicitação da IMBEL, a Fundação Christiano Rosa está expondo uma série de fotografias: "Ramal Férreo Lorena - Bemfica", nas dependências da "Estação Estrella do Norte" e que poderá ser visitada no período de 21 a 25 de Junho.

Meio ambiente: uma reflexão

No Dia Mundial do Meio Ambiente (5 de Junho), a sociedade como um todo deveria refletir, ponderar e apresentar caminhos para um meio ambiente equilibrado, que assegure qualidade de vida ao ser humano.

O nosso planeta está submetido a enormes desequilíbrios ambientais, como consequência da escalada desenvolvimentista do pós-guerra. Nesse período, as conquistas tecnológicas militares foram, em boa parte, repassadas à sociedade civil, transformando de forma rápida o comportamento sócio-econômico da humanidade. Passados pouco mais de cinquenta anos, contabilizamos fortes e graves passivos ambientais no solo, nas águas e no ar, elementos básicos para a perpetuação da espécie humana e de muitos seres vivos. Os desequilíbrios alcançaram tamanha proporção, que a comunidade científica internacional se reúne periodicamente para avaliar o estado de saúde do planeta e, ao mesmo tempo, propor alternativas para evitar uma aceleração maior rumo ao caos. Uma equação simples pode dar a qualquer um de nós a dimensão da gravidade dos problemas ambientais: à época de Jesus Cristo estimava-se que a população mundial alcançava número perto de 200 milhões e, atualmente, essa população está perto de 6 bilhões de vidas.

A explosão demográfica e o desenvolvimento econômico conduziram à destruição das florestas, à contaminação dos recursos hídricos, tanto de superfície quanto de subsolo, à poluição do ar por combustíveis fósseis. A reversão desse nada recomendável cenário passa pela atuação e participação de cada indivíduo na preservação de seu espaço ambiental. As ações agora desencadeadas retardam o processo de degradação ambiental, dão tempo para as mudanças de comportamento e projetam, de forma segura, a continuidade da vida no planeta.

No caso particular de Piquete, boa parte do entorno da Serra de Mantiqueira está detonada, face, por exemplo, à troca de vegetação que na sua esteira levou danos irreparáveis à biota (fauna e flora). Nossos rios e córregos transformaram-se em esgotos à céu aberto.

Se nossa Piquete deseja enveredar pela trilha do turismo, ações ambientais diversas deverão estar em andamento. Em nossa avaliação, só com a recuperação da qualidade de vida em Piquete é que a vertente do turismo ecológico terá pleno sucesso.

Para tanto, o poder público e a sociedade civil organizada deverão encontrar caminhos para a revitalização de nossa Piquete. Caso contrário, correremos o risco de ser arremessados à vala comum dos municípios mais pobres de nosso estado. Dessa forma, cidadão piquetense, participe e lute por uma cidade mais bonita que, somada à tranquilidade e à segurança reinantes, resulte em negócios positivos para toda a comunidade.

Celso Colombo

Novo site da F.C.R. na Internet:
www.fundcr.org